

CONTOS

a conhecia, que o filho do rei estava muito desgostoso e que dava tudo o que havia para saber quem ela era. Sorriu a Gata Borralheira e disse-lhes:

— Era então assim tão linda? Meu Deus, que felicidade a vossa! E eu, não poderei vê-la? Ai, menina Javotte, se vós me emprestásseis o vestido amarelo com que costumais andar!

— Podia lá deixar de ser! — disse a menina Javotte. — Emprestar um dos nossos vestidos a este Raboborralho! Era preciso ser muito doidal!

Gata Borralheira já estava à espera da recusa e até se sentiu aliviada, pois muito embaraçada ficaria se a irmã tivesse acedido a emprestar-lhe o vestido.

No dia seguinte, lá foram as duas irmãs para o baile, e a Gata Borralheira também, mas ainda mais bem ataviada do que da primeira vez. O filho do rei nunca saiu de ao pé dela e passou o tempo a dizer-lhe coisas ternas. A donzela estava longe de se aborrecer, pelo que se esqueceu do que a madrinha lhe recomendara; de modo que ouviu soar a primeira badalada da meia-noite quando julgava que eram apenas onze horas: levantou-se e escapuliu-se com a ligeireza de uma corça. O príncipe foi atrás dela, mas não foi capaz de a agarrar. E tendo ela deixado cair um dos sapatinhos de vidro, apanhou-o o príncipe com todo o desvelo.

Gata Borralheira chegou a casa toda esbaforida, sem carruagem, sem lacaios e com os seus andrajos; da antiga magnificência apenas lhe restava um dos sapatinhos, o par daquele que deixara cair. Perguntaram aos guardas da porta do palácio se não tinham visto sair uma

princesa: responderam que não tinham visto sair ninguém, a não ser uma rapariga muito mal vestida, com um ar mais de camponesa que de fidalga.

Quando as duas irmãs voltaram do baile, perguntou-lhes a Gata Borralheira se se tinham uma vez mais divertido e se a formosa dama aparecera; responderam-lhe que sim, mas que fugira ao soar da meia-noite, e tão levemente que havia deixado cair um dos sapatinhos de vidro, o mais lindo sapatinho do mundo; que o filho do rei o apanhara e que até ao fim do baile só para ele olhara, pelo que não havia dúvidas de que estava extremamente apaixonado pela formosa criatura a quem o sapatinho pertencia.

Falavam verdade; porque, daí a poucos dias, o filho do rei mandou anunciar, ao som de trompa, que desposaria aquela cujo pé se ajustasse ao sapato. Principiou-se por experimentá-lo às princesas, depois às duquesas e a toda a corte; debalde, porém.

Trouxeram-no a casa das duas irmãs, que fizeram os possíveis por enfiar o pé no sapato, sem o conseguirem. Gata Borralheira, que assistia e reconheceu o seu sapato, disse a rir:

— Deixa-me cá ver se me fica bem!

Desataram a rir as irmãs e a troçarem dela. Mas o fidalgo encarregado de experimentar o sapato, depois de olhar atentamente para a Gata Borralheira e de a achar assaz formosa, disse que era inteiramente justo e que tinha ordens de a calçar a todas as donzelas. Mandou sentar a Gata Borralheira e aproximando-lhe o sapatinho do pezinho, viu que entrava sem custo e que o moldava perfeitamente.

Grande foi o espanto das duas irmãs, mas maior ainda quando a Gata Borralheira tira da algibeira o outro sapatinho, que calçou. Neste entrementes chegou a madrinha que, tocando com a varinha nas vestes da Gata Borralheira, as tornou ainda mais magníficas que as anteriores.

Foi então que as duas irmãs reconheceram nela a bela criatura que tinham visto no baile. Lançaram-se-lhes aos pés pedindo perdão de todos os maus tratos que lhe haviam dado. aGta Borralheira ajudou-as a levantarem-se e, beijando-as, disse-lhes que de bom grado lhes perdoava e lhes pedia que nunca deixassem de gostar dela. Conduziram-na até à presença do jovem príncipe, assim vestida como estava. Ele achou-a mais formosa que nunca e daí a poucos dias casava com ela. Gata Borralheira, que era tão boa quanto formosa, acolheu as duas irmãs no palácio e casou-as, logo ali, com dois grandes fidalgos da corte.

MORALIDADE

A beleza é, para o sexo, o tesouro maior.
Jamais nos cansamos de a admirar.
Mas mais difíceis de encontrar
As boas graças são, e têm mais valor.

E foi isso que com sua madrinha
A Gata Borralheira ia aprendendo
A pontos de até vir a ser rainha
(E já a moral do conto é bom ir antevendo).

Vejam, beldades, pois; mais do que os penteados
As boas graças são, para amores conquistar,
O dom melhor que podem dar as fadas:
Sem elas, nada feito, com elas, é reinar!

OUTRA MORALIDADE

Grande vantagem, segundo penso,
É ter espírito valente,
Sangue real, bom senso,
E demais grandes talentos,
Que o Céu nos dá gratuitamente;
Mas apesar do seu valor,
Tudo isso é nada e coisa bem mesquinha,
Se não tivermos ao dispor
Qualquer padrinho ou madrinha.